

A DEMOCRACIA

ORGÃO REPUBLICANO

892
91

REDACÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

RIO DE JANEIRO, 3 DE SETEMBRO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

N. 37

EXPEDIENTE

Anno. 6000

Rio, 3 de Setembro de 1887.

A DEMOCRACIA

D certo tempo para cá, tornou-se um sestro da imprensa verberar os governos com grande energia de phrase.

Isto tem o inconveniente de embotar a sensibilidade do publico, o qual pouco e pouco acostuma-se a ouvir uma linguagem picante, percutente, ferina, assim como certos individuos que nos actos mais communs da vida envolvem as expressões mais grosseiras e deshonestas, sem abalar-se em nada na prática de suas gestões habituais.

Pelo que se escreve nas folhas e se diz nos círculos, o Brasil está convertido n'um antro de malfeitos que se gosam cruelmente da miseria e parvoice da maior porção de habitantes.

Governantes e autoridades equivalem a carrascos e abutres insaciáveis. Justiça e direito são palavras sem applicação. Riqueza e posição tornaram-se synônimos de ladroeira e suborno.

Se quizessemos extractar aqui e acolá diversos conceitos emitidos pela imprensa, formulariam os retratos a historia mais negregada e horrenda, como jamais povo algum de si ofereceu.

Entretanto, fallando à puridade, comparando-no por instantes com qualquer outra sociedade, do confronto só podem resultar vantagens em nosso favor.

Examinando de perto as causas que motivam a grita descompassada e infrene dos pessimistas, achamol-as desculpaveis, ou atribuiveis a uma fraqueza que de nenhum modo raiá à gravidade do crime. Fallamos da tolerância, proveniente de uma dose accentuada de frouxidão, condescendência despreocupada ou pendor a tudo perdoar desde que nos não offenda directa e pessoalmente.

Eis ahi o nosso mal característico. Ninguem se move para a consecução de um ideal que representa o melhoramento ou perfeição collectiva. As revoluções entre nós são e serão uma chimera, atendem l'ose à falta d'esse anhelo que condensa as vontades, corporifica-as e leva-as a produzir os fortes abalos de que encontramos tantos exemplos na historia.

Não existe em nosso paiz exacerbado de nenhuma classe, nem linha divisoria, nem consorcimento de esforços ou de fins. Cada um de nós é um detractor insigne dos que o não favorecem em suas vistas; dirige isoladamente ataques mortíferos, mas limita-se a isto a sua guerra e a sua oposição.

Somos todos franco-atiradores em beneficio proprio e estamos sempre promptos a depôr as armas e amai-

nar os odios, uma vez que o adversário nos ouça e nos abra passo em suas fileiras.

Os republicanos, que invocamos princípios de ordem elevada e nos votamos á conquista de um bem desconhecido, não somos comprehendidos; a nossa linguagem toma os ares de mysticismo, de causa irrealisável e zombam de nós como de sonhadores ou imbecis.

Causa realmente surpresa quando se constatam no individuo, que figuramos nosso inimigo encarniçado, as qualidades apreciaveis de um carácter honrado, criterioso, bemfazejo e sociável!

Este facto só desarma e annulla qualquer velleidade e, por pouco firmes que sejam os nossos princípios, achamo-nos docemente inclinados a relevan os peccadilhos que lhe sombreavam a reputação.

D'ahi esse connubio de crenças oppostas, esse hybridismo e promiscuidade de opiniões extremas que não produzem choques, que impossibilitam os embates e supprimem as soluções definitivas.

Só vemos um remedio para obstar ao naufrágio geral das boas doutrinas: arregimentar-nos em silencio, confortar-nos mutuamente por uma cathechese insistente e bem nutrita; deixar-nos sobretudo de exercer a critica mordaz e provocante, cujos efeitos embotaram-se completamente ante a impossibilidade do paciente e mercê do habito em que o puzeram o esganicamento e ataques de tontos assaltantes.

Provado que o motor de todas as calamidades é o interesse, de par com a tolerancia dos indiferentes; o unico desfecho a esperar-se é que de tanto banquetejar-se e do declarado abandono em que jazem os principios cardeais e salutares de toda sociedade, se torne esta insustentável e que se nos offereça então ensejo para entrarmos em accão.

Esse momento não pôde tardar. Preparemo nos.

E. F. DE CANTAGALLO

Está terminada a campanha, e não houve morte de homem. Apenas alguns feridos, entre os quais o nobre barão de Cantagallo, e o veterano sr. Domingos Moutinho.

Não conseguiu o barão impedir que os mineiros invadissem o solo fluminense.

Também sua excellencia procedeu com o desuso de um marinheiro de primeira viagem, ou jogador novigo.

A approximação dos outros... navegantes, julgou-se logo perdido, desanimou a tripulação, e desarvorou o bergantim.

Veio para a imprensa, e mostrou todas as cartas... de empenho.

Tinha nas mãos um corretor pela modica somma de trezentos contos, e espantou a caça, fazendo intempestivo alarido.

Em que mundo pensa viver o barão?

Ou muito nos enganamos, ou o respeitável comissario do syndicato agrícola tem cortado para sempre a sua carreira administrativo-financeira.

A menos que sua excellencia obtenha a graça de mudar de título: seja barão de tudo, menos de Cantagallo, territorio conquistado.

O sr. Moutinho, previdente e experimen-

tado general, soube preparar uma retirada, honrosa para o soldado, ainda que provavelmente calamitosa para a pátria.

Plantou um protesto, e todos sabem quanto são produtivos os protestos estrangeiros, que aqui se acclimam e vigam prodigiosamente.

No senado, o sr. Paulino desenrolou toda a sua jurisprudencia para mostrar que, por desclassificação administrativa, o estado entra pela província como a polícia em casa de jogo, e por sua vez a Província (com P grande) vem a ser a do Rio de Janeiro) caça sem cerimonia em terras do estado.

Não ha como a harmonia que reina no sistema brasileiro.

Para que um cidadão ligue dois predios seus por uma linha telephonica em qualquer freguesia do sertão, é preciso o placet do governo, ou do barão de Capanema, de quem são ministros os ministros.

Para impedir que uma companhia prejudique as rendas do estado, fazendo concorrência ao melhor proprio nacional, que tem custado enorme sacrifício aos contribuintes, nada pode o Governo.

O sr. Paulino de Souza achou uma teoria commoda e elástica. Zona privilegiada é o perímetro compreendido entre duas paralelas afastadas na extensão marcada pela concessão, e tiradas na direcção do eixo da linha ferrea desde o ponto da partida até o ponto final, fechando-se as paralellas nas extremidades por uma recta perpendicular ao eixo no principio e no fim dos trilhos.

Mas ao privilegio oppõe o ilustre senador um argumento de calouro, citando o princípio constitucional que enumera entre os direitos individuais do cidadão a livre circulação de pessoas e bens dentro do Imperio.

O Sr. Octaviano acha isso muito claro!

Felizmente o Sr. Affonso Celso não deixou passar essa clareza, e fez a distinção entre direito de circular, e industria do transporte exercida por sociedade anonyma.

Continuou porém o conspicuo chefe do sul a asseverar que o privilegio de zona é uma pretensão de tyrannia.

Portanto, se ha logica n'este mundo, as estradas de ferro (não sendo de ingleses) estão condenadas em virtude do principio consagrado na constituição sobre o livre transito.

E' a guerra das companhias que se proclama, e o sorvedouro dos capitais que se anuncia.

Em um regimen de plena liberdade seria aceitável o sistema, limitado ainda assim por exigencias de grandes interesses publicos, quies os da defesa nacional, da segurança das pessoas, e outros.

No estado actual, porém, causa assombro a insurreição de um chefe conservador contra privilégios concedidos por lei, e com os melhores fundamentos, sem offensa da sagrada utilidade chamada constituição.

Previdente como é, o futuro presidente do conselho de ministros, assentou mais esta these: a estrada do estado tem zona privilegiada indefinida, a arbitrio do governo, que pode restringi-la, ou ampliá-la, como for de conveniencia publica.

E' certamente a primeira vez que o privilegio reveste esta forma, alias propicia aos governos e aos políticos.

Privilegio que se dilata ou se contrai, é um achado.

Um ministro arruinará empresas particulares, ampliando a zona da Pedro II; outro arruinará o tesouro restringindo-a, e concedendo que companhias assinem trilhos ao lado dos do estado, e lhe façam franca concurrence.

Afinal, só o que admira é que a estrada de Pedro II ainda dé renda, e não tenha sido vendida.

Não tem faltado patriotas desejosos de se imobilarem com o arrendamento ou compra da estrada.

Allegam mil vantagens para o publico, para o tesouro nacional, e provam que nada querem ganhar, antes intentam sacrificar imensos capitais em proveito do paiz.

Não tendo conseguido o holocausto tão completo como desejavam, parece que pretendem obter-o por partes.

Primeiro foi o ramal do Sumidouro, dentro da zona privilegiada.

(Este Sumidouro tem uma historia edificante que não é para aqui.)

Depois foi a invasão da Grão-Pará.

O senador Silveira Lobo morreu, e foi bom que morresse.

Era um doido, e tão doido que acabou republicano.

Ora vivo fosse elle, e a chronica da companhia Leopoldina viria à luz, com grande escândalo das pessoas discretas e pacíficas.

Verdade é que ficou o sr. Viriato de Medeiros, de mais a mais engenheiro muito distinto. Não será extraordinario que acabe também maluco e republicano, estados moribundos que frequentemente anlam reunidos.

Por nossa parte, declaramos com a maior espontaneidade que n'este triste negocio não atribuimos intenções menos dignas aos nossos adversários.

Lamentamos que erros acumulados por liberaes e conservadores estejam produzindo tales resultados.

A província do Rio de Janeiro, depois de comprar estradas, vende estradas. Extrano commercio!

Ambos os partidos reduziram as finanças provincias ao actual deplorable esado. A cegueira escravista parece querer fazer o resto.

Ninguem se illuda com o momentaneo alívio que o dinheiro da Leopoldina trará à província.

Vae recrudescer o clamor dos amigos politicos, que pedem empregos, comissões, apontamentos, isenções, perdão de dívidas, e tudo quanto se tem inventado para sangrar os cofres publicos.

ESTUDOS ECONOMICOS

LIBERDADE E CONCURRENCIA

PROGRESSO E CONCURRENCIA

III

Transportemo-nos pelo pensamento aos primeiros tempos da humanidade.

Os nossos antepassados sem outros instrumentos, alem dos proprios braços, viraram-se em contingencia de arrancarem a viva força d'essa madrasta, dura natureza, os meios de subsistencia; e domarem incessantemente a selvagem nutrição que não abre o seio sendo vencida.

O homem era obrigado a substituir com titânicos esforços individuais, esta assistência de meios de produção moderna, esta horaria de uma genealogia de agentes, que ele não encontrou, como nós, no berço. Curvado o dia inteiro sobre o sulco, ilote de necessidade, ocupava-se unicamente a servir esta impetuosa senhora. Era pura e simplesmente o escravo da natureza; ainda menos que isso, talvez uma máquina muscular, exclusiva e fatalmente condenada a extrair do solo parcela a parcela os mais indispensaveis elementos de sua subsistencia. Não lhe restava tempo para recolher-se e procurar na elaboração da inteligencia os maravilhosos segredos do seu bem estar e das suas satisfacções.

Mas enfim vieram os dias em que outras gerações utilizando-se do modico tesouro de trabalhos já realizados, puderam meditar sobre os primeiros inventos. Foi então que o capital humano engrossou e cresceu pelo progresso do pensamento aplicado ao trabalho e que desenvolvendo-se libertou o instrumento animado, para substitui-lo pelo inanimado.

O arado proscreveu a enxada, depois, substituindo um agente por outro, apareceram a roca, o fuso, o tear, o marcelo, a bigorna, a polé, a tenaz, a plaina, o folie que se encarregaram dos trabalhos mais repugnantes e embrutecedores da mecanica; e imediatamente viu-se, esquadriada, aplinada, curvada em forma de navio, segundo as sabias combinações da geometria, coroada de velas, cavilhada, calafetada, lançada sobre a imensidão do oceano, através das borrascas, dos ventos e da tempestade, caminho inovel, fluente, coberto de viajantes acilivos, vigilantes, sempre suspensos sobre a morte, molhados pela escuma, embalados de vaga em vaga, a arvore da floresta levando no seu hojo novos elementos de goso e de satisfação.

O architecto e o engenheiro construiram pontes, animaram locomotivas, inventaram

os mil engenhos de fiar, de tecer e permittiram a essa innumeravel dynastia de pensadores, inventar, desenvolver, aperfeiçoar, combinar a lingua, o alfabeto, a gramática, a philosophia, as mathematicas, a logica, a astronomia, a dynamica e esclarecer a humanidade.

O progresso na industria é portanto o resultado das conquistas do homem sobre a natureza e os instrumentos mecanicos a manifestação d'esse progresso.

Montesquieu, Bonald, Sismondi, Fonfrede, e muitos outros que se manifestaram antagónistas do aperfeiçoamento das machinas, não se pronunciaram de modo absoluto, mas cada qual sob certo ponto de vista particular, surpreendidos por um inconveniente actual e sem preverem que um aperfeiçoamento qualquer origina maior procura de trabalho.

Não ha quem não admire os efeitos prodigiosos da imprensa. Guttemberg glorificado pelas nações que lhe ergueram estatuas! Entretanto o seu invento fez milhares de victimas, depojoou do trabalho todos os cipistas; pouco tempo depois, porém, a barateza dos products centuplicou a procura dos livros e requereu maior concurso de trabalhadores.

A fiação da lã e do algodão, a machina a vapor e muitos outros inventos modernos diminuiram o trabalho que exigia a produção, quer de igual força quer de igual quantidade de fio; mas a procura dos products cresceu em proporção muito mais considerável, e os nomes de Watt e de Arkwright são honrados em todo o mundo civilizado e considerados benemeritos da humanidade, porque contribuiram para tornar os products mais accessíveis ao consumo.

Em nenhuma nação estão mais generalizadas as machinas motoras do que na Inglaterra. A força que elles produzem, é estimada em mais de uma dezena de milhões de homens, e entretanto, o numero de familias que vivem do trabalho da industria manufactora aumenta incessantemente. O recenseamento em 1811 contava 940 mil operarios; em 1821 accusava 1.160.000 e mais do triplo em 1851.

Semelhantes factos são bastante eloquentes para dispensarem comentários. Estabelece-se todavia, que logicamente se produzirão sempre.

O preço dos objectos determina a extensão do seu consumo, de tal maneira que uma depressão de preço reage duplamente sobre a procura dos products.

Quando o par de meias custar 4 mil réis, o maior numero de pessoas não as usarão e os que as consumirem, serão em pequena quantidade, limitados pelos proprios rendimentos e pela utilidade relativa que lhes adem d'este calçado; mas se o preço d'ellas descer a 2 mil réis, as pessoas que as consumiam antes poderão dobrar a quantidade sem perturbação do consumo de outros objectos, e muitos individuos que não podiam pagar 4 mil réis, ou que a este preço preferiam consumir outros objectos, poderão usar de meias. Ora, sendo estes muito mais numerosos que os primeiros, é evidente que o consumo se estenderá além da relação assignada pela baixa do preço.

Os rendimentos individuais podem ser representados pelos círculos concentricos que forma sobre a superficie da agua a queda de um corpo. Em volta do centro um pequeno circulo fortemente pronunciado, depois ondulações menos accentuadas à medida que se tornam maiores. Assim, em volta da maior fortuna de um paiz, grupam-se quatro ou cinco de primeira grandeza; seguem-se cem outras de segunda ordem; depois cem mil, finalmente muitos milhões.

Tempo houve em que na Europa o assucar vendia-se a 4 mil réis por kg. Por tal motivo em 1810, em Portugal, apenas mil pessoas consumiam assucar com parcimonia. Quando o assucar desceu a 18600, cem mil pessoas fizeram uso d'elle; depois a 800 r., tornou-se acessível a todos, consumindo cada um, maior quantidade.

Qualquer redução de preço produz sempre resultado semelhante. Quando pois uma machina diminui o trabalho que exige a fabricação de um producto, a demanda cresce mais rapidamente que o efeito da machina, e por conseguinte a demanda de trabalho aumenta, o que origina uma melhor remuneração de próprio trabalho.

Pode-se resumir assim o efeito de uma machina: —diminuição de preço e por conseguinte aumento geral de gosto, de riqueza; maior demanda de trabalho e melhoramento da sorte dos trabalhadores.

Mas as novas necessidades não se fazem sentir imediatamente, e a exploração de uma machina é causa de uma perturbação actual de trabalho. Se por exemplo uma machina diminui de metade o trabalho que exige a fabricação do pano, o consumo não dobraria imediatamente. É necessário certo tempo para que os preços se equilibrem com os serviços, para que aquelles que, até então, não consumiam pano, usem d'ele, e para que os outros consumam maior quantidade. No intervallo, muitos operarios ficarão sem ocupação. Haverá crise industrial.

Todavia uma machina, por mais evidente que seja a economia que resulta da sua adoção, não se introduz bruscamente na industria. Um fabricante ensaiá-a, outros mais audazes imitam-o; mas tarde vem os timidos e ainda mais tarde aqueles, para quem o preço da machina é obstáculo real; emfim,

os homens de preconceitos, que são numerosos, resistem muito tempo.

Meio seculo foi preciso para generalizar o emprego do vapor. Vinte cinco annos não bastaram para generalizar a segurança de que a fiação mecanica valia a fiação manual.

Além d'issso para que um invento mecanico possa passar de um paiz para outro, carece ter adquirido a sanção do tempo. Se o mercado do paiz que o adoptou não for limitado, exiguo, o trabalho não experimentará abalo.

Uma dupla produção de pano ou de ferro portuguez ou belga em consequencia de um aperfeiçoamento seria pouco sensivel sobre o mercado do mundo; mas occasionaria uma catastrofe, limitado ao mercado portuguez ou belga.

E' pois, ainda uma vez, a falta de extensão de mercado, devido aos embargos, às peças da liberdade do commercio, que engendram os inconvenientes da liberdade e do progresso do trabalho, que tornam mais sensíveis os inconvenientes da concurrence.

Cada individuo no ponto de vista especial de sua produção tem a concurrence. O sapateiro deplora que a seu lado haja outros sapateiros que o impedem de elevar os preços de seus products e de escolher os fregueses; o alfaiate clama contra o mal que lhe fazem os alfaiates vizinhos; o carniceiro, contra o prejuizo que lhe causam os outros carniceiros.

Mas o mercador de pano que deseja ser o unico a vender, pede que muitos alfaiates comprem a sua fazenda; o curtidor de peles aspira que multipliquem os sapateiros; o bocheiro, nutrindo a esperança de encontrar poucos concorrentes no mercado, no matadouro, lisongeia-se vendendo abundar os carneiros.

Independentemente d'esta actualidade que nos induz a repelir a concurrence d'aquelles que exercem a mesma industria que a nossa e a provocar, ao contrario, a concurrence dos consumidores dos nossos products, nós como consumidores, reclamamos a concurrence dos variados products que consumimos. Delatemos o preço; corremos os armazens para obtermos uma redução; pomos por assim dizer os mercadores em presença, em luta entre si.

Assim, para as nossas proprias necessidades desejamos a concurrence de todos os products, ao passo que, na qualidade de productores, procuramos o maior concurso possível de compradores e só repelirmos a concurrence dos nossos émulos dos nossos rivais. Cedemos a um instinto egoístico, pessoal.

A concurrence é além d'issso a fonte de todos os progressos da industria.

A invenção de uma machina demanda trabalho, e exige emprego de capitais a sua exploração. Quem pois se entregaria a esse trabalho, quem empregaria capitais se, tendo o monopólio de uma industria pudesse regular os preços à sua vontade?

A enxada foi substituída pelo arado por um lavrador que a concurrence induziu a obter melhores resultados com menos trabalho, depois; quando o arado tornou-se instrumento vulgar, o preço dos cereaes diminuiu em beneficio dos consumidores, porque estabeleceu-se a concurrence.

Regulamentar o trabalho para evitar a concurrence é não somente matar o progresso, como ainda augmentar a somma da miseria.

Os reformadores querem evitar o abaixamento dos preços, remunerar melhor os serviços; mas o augmento de preço de um producto restringe o seu consumo, diminue a somma de trabalho que elle reclama e reage sobre os salarios, a menos que os operarios não se entreguem a outras industrias, o que é impossível; porque sob o regimen da liberdade, ha equilibrio na remuneração dos diferentes serviços. E' pois preciso que a reforma se estenda a todas as industrias, que todos os preços sejam alterados, e por conseguinte que o trabalho geral diminua; que menos homens sejam ocupados e que a lucta do trabalho seja mais activa, à custa de todos, ou que um grande numero seja nominalmente condenado a abster-se de todo e qualquer trabalho. Em resultado, os trabalhadores serão então melhor remunerados, mas os products que elles consumirem serão proporcionalmente mais caros, e, como beneficio, terão o encargo de todos os seus camaradas inactivos.

Ha muita levianidade e presunção em todos quantos preconisam a organização do trabalho. Uns servem-se de uma arma, cujo valor desconhecem, para satisfazerem a ambição, a vaidade propia à custa dos infelizes simplórios; outros tem a pretenção de possuirem mais espirito e engenho do que a sociedade inteira. Equiparam-se ao creador e atacam os direitos primordiales do homem!

(Continua)

J. C. DE MIRANDA.

INSTRUÇÃO PÚBLICA

I

E' preciso dizer ao povo d'esta terra verdades amargas e dolorosas, que a monarquia encobre por meio da astúcia e do subterfugio. A illusão optica não pode ser estavél, a realidade impõe-se.

Quem ouve o chefe do estado apregoar que a instrução popular é seu maximo cuidado — está bem longe de suppor uma farça bem representada sob o titulo tão imponente e sedutor. O rei fala por falar e os ministros vão seguindo o seu caminho, como se nadivessem pavido. Arranja-se tudo muito bem — decorações para enganar como escolas, palácios, aficeses de imensa faculdade — estudos de parallaxe de Venus, no meio de uma mise-en-scène arrebatadora, de falls do trono, relatórios e despesas inuteis. No fundo porém, propaganda-se habilmente a ignorância por este vastissimo imperio, assim de melhor cimentar-se a dynastia bragantina n'esta nação americana.

II

A receita geral do imperio está orgada para o anno de 1888, em reis 133.205.000.000 e a despesa em 141.491.908.147 rs., assim distribuida:

| | |
|-----------------------------------------------------|----------------|
| com a familia imperial..... | 1.154.900.000 |
| com as camaras legislativas.... | 1.335.000.000 |
| o conselho de estado..... | 48.000.000 |
| com os presidentes de províncias..... | 274.703.000 |
| com a religião do estado..... | 908.250.000 |
| com a representação do imperio, no estrangeiro..... | 723.00.000 |
| com a marinha e guerra..... | 25.507.201.612 |

Rs. 29.056.051.612

só com as principaes peças que constituem o nosso bellissimo sistema monarchico representativo!

| | |
|------------------------------------------------------------|----------------|
| Dos 141.491.903.147 deduzidos aquelles impropositivos..... | 29.950.651.612 |
|------------------------------------------------------------|----------------|

ficam para outras despesas.. 111.535.233.833

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|
| D'esta quantia subtraíndo-se para pagamentos de juros de todas as dívidas feitas e acumuladas pelos governos do imperador, para corretagens, diferenças de cambio, etc., etc..... | 50.271.107.800 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|

resultará a insignificante verba de reis 61.261.146.833

para todas as demais despesas, que podem considerar-se do utilidade geral e pública!!

D'ahi despedir o governo geral com a instrução publica em todo o imperio, somente a insignificante quantia de 3.099.130.000, categando-se, no orçamento, para atingir a essa cifra, até a verba de 720.000, para um professor de 1^{as} letras, no corpo de aprendizes militares de Minas!

Ora, se com a instrução gasta-se..... 3.099.130.000

e somente com a família imperial..... 1.154.900.000

segue-se que fica aquella despesa em relação a outra em mais..... 1.914.230.000

eu excede apenas de 37 p. %!!

E' sorprendente!

Os algarismos apresentam, ás vezes, resultados tristíssimos e esmagadores. Estão nestes caso os que vamos exhibindo aos nossos patrícios, para que vejam e commentem devidamente.

Calculando-se a população do Brazil em 11 milhões de habitantes, comprehendidos os livres, indigenas e escravos, temos que faz-se contribuir um do povo, em vista da distribuição geral que o governo opera com os dinheiros publicos:

| | |
|----------------------------------|---------|
| para a familia imperial com..... | rs. 104 |
|----------------------------------|---------|

" o corpo legislativo com.....

" o conselho de estado com.....

" os presidentes de províncias com.....

" a religião do estado com.....

" a representação do imperio no estrangeiro com.....

" para a marinha e guerra.....

" outras despesas de utilidade geral com.....

para o pagamento da dívida do imperio com.....

para a instrução publica com.....

dando cada um individuo para a formação da receita de 136.295.000.000, em impostos directos e indirectos a elevada quota de reis 12.839.000 !

E' irrisorio! A simples vista n'aquelle algarismo demonstra o modo irregular e injusto na distribuição da receita, e quanto descurar-se da educação popular, com a qual despende-se apenas 2, 21 p. % do rendimento geral!

Note-se que n'aquelle 3.099.130.000 orçados para a instrução, em todos os ministerios, ficam comprendidos cerca de 600.000.000 gastos, sómente no município, neutro, com a educação popular e todas as despesas feitas com as faculdades de direito e de medicina escolas polytechnica e de minas, naval, academia de bellas artes, instituto dos cégos e dos surdos mudos, historico, biblioteca nacional e da marinha, lycée de artes e ofícios, imperial observatorio, escola militar da Corte; gastando-se unicamente d'aquelle quantia com as províncias no seguinte: escola de medicina da Bahia, facultades de direito de S. Paulo e do Recife, com o estabelecimento de educandas, no Pará, com professores de primeiras letras em Fernando de Noronha, nas escolas de aprendizes marinheiros dos Amazonas e Pará, Maranhão, Piauhy e Ceará, Parahyba e Rio-Grande do Norte, com a escola militar do Rio-Grande do Sul, em professores de primeiras letras, ginnasticas e musica nos corpos de aprendizes artifices da Bahia, Pernambuco, S. Pedro do Sul e Matto Grosso, e com professores de primeiras letras, musica e ginnasticas nos corpos de aprendizes militares de Minas Geraes e Goyaz! Felizmente esta ultima província sempre teve no orçamento uma verba-zinha para aquele fim de 1.720.000!

Que grande capadocio que é o Sr. Cotelipe, apesar de velho!

Seja irresponsável, como diz a constituição, o soberano; mas não o são os ministros, que como tais assumem a responsabilidade do poder moderador.

Ao poder legislativo, em qualquer de seus ramos, cabe todo o direito de examinar os actos do governo, sejam emanados do poder executivo ou do poder moderador. Este nada pratica, sem a sanção voluntaria ou não do respectivo ministro.

(Continua)

NOTAS

O Problema da Immigração

Em quanto nos estamos exacerbando na interpretação mais ou menos filantrópica de decretos emanados dos poderes legislativos, jaz em absoluto esquecimento o grave asunto que encabeça estas linhas. Parecem-nos n'isto aquele philosopho que sendo avisado que a sua casa ardia em chamas, mandou que o comunicasse à dona.

O que tem feito este governo para apressar a solução d'este importante problema? Pensa acaso que por gastar alguns contos de réis, que distribuem os amigos canarriamente entre si, obterá os resultados que invejamos nos nossos vizinhos?

Na nossa cegueira das coisas que se passam além do horizonte da patria, supomos que abrimos ao imigrante as portas do paraíso, franqueando-lhe a entrada e transportando-o a paragens remotas do interior!

Vivemos n'esta singular attitudine ha muitos annos: acenamos ao estrangeiro com a felicidade que elle poria em recuar, zombando das promessas e desejos que exhibimos em copia abundantissima.

Pela centesima vez tornaremos a repetir que esta questão não poderá ser bem encaminhada com os elementos que ora vigoram.

Monarchismo corrupto.

Favoritismo.

Landlordismo.

O priueiro coloca o poder em mãos de uma oligarchia avassaladora, absorvente. Nenhuma sociedade ou grupo parcial pode medrar a sombra da satírica coterie enlronada. A nós, simples e miserios instrumentos, só é concedido viver com a condição de servir de capachos aos tais medalhões empertigados nas cumiadns.

O segundo annulla de facto qualquer direito ou prerrogativa pessoal. Diante dos favoritos, não ha justiça nem razão que prevaleça. Preferiramo-nos na realidade um governo francamente despótico, asiatico, a estas formulas fementidas de constitucionalidade a encobrir as maiores tropelias e attentados.

O terceiro é de todas as pragas que maracheta o nosso corpo social a peior e a mais nojenta.

Treguas?

Não é uma censura que dirigimos aos nossos correligionários, nem a tanto nos julgamos autorizados. Occorre-nos simplesmente a ideia de inquerirmos do destino e existência dos numerosos clubes republicanos que mezes atraç fundaram-se n'esta capital.

Como nada transpira do seus actos e reuniões, não é descabido perguntar se ainda perseveram na auspiciosa derrota que haviam encetado.

Esta nossa curiosidade é tanto mais desculpável, quanto nos achamos isolados da convivência fortificante e sob a penuria do estímulo e apoio indispensáveis para a prosecução do nosso empreendimento.

Pondo estas columnas à disposição do diversos concilados republicanos, oferecendo-lhes ensejo para a publicação de suas actas e resoluções; acreditamos prestar-lhes um serviço que muito nos honrará em ser favoravelmente acolhido.

Avante! Pela união e pelo mutuo esforço bem combinado, havemos de conquistar o posto a que a nossa sagrada causa nos dá pleno direito. A presente quadra caracteriza para nós outros um verdadeiro martyrologio e nos impõe um apostolado de ardido desempenho mas de reconhecido civismo. Avante!

Os Romões

O senador Franco de Sá, em sessão de 14 de mez p. p., pediu ao governo informações da quantia por elle despendida diariamente na imprensa para defesa de seus actos, principalmente para o ataque de seus adversários.

Era importantíssima a questão. Tratava-se de estimar a verba arrancada quotidianamente ao trabalho honrado do povo, para armar esses capoeiras da imprensa, que vibravam violentamente a pena, que é peior do que a navalha, porque fere mais do que a vida, fere a honra e dignidade dos adversários.

La-se fazer a luz sobre esse unico e escandaloso processo pelo qual o governo gera na imprensa a opinião desinteressada e imparcial que o apoia e o prestigia.

Respondeu o sr. barão de Cotegipe. Achou inconveniente a curiosidade do senador liberal.

Demais, para que esclarecer um meio de governo, caro seu duvidar, mas posto em prática pelos governos de ambas as parcialidades constitucionais com tanto gaudio dos romões e vantagens domesticadoras para a imprensa neutra!

Achou conveniente a retirada do pedido de informações e, forçado a tal-as, elle por sua vez obrigaría o sr. Dantas a esclarecimentos sobre o mesmo assunto durante o seu misterio.

O sr. Franco de Sá retirou logo o requerimento.

Dignos adversários, os liberaes e os conservadores!

Como se Enganam

Os homens a quem, como um castigo da excessiva ingenuidade popular, foi entregue o governo d'esta terra, não acreditam no tempo em que vivem.

O obscurantismo o mais grosseiro, o egoísmo o mais empêrdido e a obstinação a mais obsecada; eis os elementos que constituem o temperamento, a educação, a escola política a que obedece a situação conservadora dominante.

A empresa Cotegipe governa hoje o paiz, como o governaria há 40 ou 50 annos passados, na época de pleno exercício do tráfico e contrabando africano.

Aos olhos e à consciencia entorpecida dos empresários do governo, o progresso é uma mentira, a civilização é uma comédia, a humanidade um sentimentalismo tolo, a dignidade de um povo, a honra e o nome da patria são fanfarronas quixotescas.

A patria, a grande colectividade nacional, não pode ter interesses superiores ao d'elles, seus comparsas e assessores; e o seu desprezo por tudo e por todos que se oppõem aos seus actos e idéias, por mais insolente que se revele, não causa mais espanto que esse cynismo de consciencias dissolvidas de que fazem alarde na administração, na tribuna parlamentar e na imprensa.

A moral escravista, a mais torpe, a mais horrrosa moral que jamais embalou o berço e a vida de um povo, tem imprimido ao criterio dos politicos, os espiadores d'este paiz, uma insensatez tanto maior, quanto é illimitado todo o impudor com que procedem, arrastando sem nenhum vexame a má fama interna e externa que de tal criterio e de seus effeitos, recache sobre o governo de Brasil.

Os monarchistas conservadores, que são a maioria dos monarchistas n'esta terra, chamem-se conservadores ou intitulem-se liberaes, acostumados a viver à custa do trabalho alheio, o dos escravos e dos contribuintes, empregam todos os esforços para prolongarem a escravidão pessoal da raça africana e a escravidão moral do povo brasileiro.

Para esse fin, não tem, decerto, o partido conservador representantes genuinos mais legítimos que os membros da empresa Cotegipe.

Esta empresa, no desempenho de seu mandato não tem recuado diante de nenhuma fraude, de nenhum atentado, de nenhuma indignidade ou baixeza. Tudo tem posto em prática para gozar em paz e o mais longamente possível do suor dos escravizados e do tributo do povo.

Não se salisez nem com roubar anno e meio de serviços dos desgraçados no regimen da escravidão, nem com enfeudar o município neutro à província escravista do

Rio de Janeiro, a fim de franquear o tráfico de escravos aos seus amigos, nem com erigir-se em capitão do malo dos fazendeiros; quiz ser aberta e descaradamente reescravizada e assim se fez; e para sel-o sem contraste, lembra-se de abafar pela força as manifestações publicas feitas em meetings pacíficos contra a escravidão.

Muito se engana porém, a empresa Cotegipe: os acontecimentos não de prova-l-o.

O abolicionismo ha de mostrar ao grande musulmano, ao grande sybarita, sr. Cotegipe e a todo o seu serralho; ha de convencer a s. ex. e a sua empresa, que são outros os tempos em que vivemos. O tráfico e o contrabando africano não voltam mais e a despeito da força e da corrupção que contra o abolicionismo emprega o sr. Cotegipe, o abolicionismo ha de tragar-l-o; s. ex. e muitos outros hão de ser justificados pela opinião publica e pela historia como os traidores de sua propria raça.

X

A Associação Commercial do Rio de Janeiro

Levanta-se agora um quinto poder do Estado! Pois o cosmopolita que, julgando governar de facto este paiz, tambem o quer governar de direito. E a Associação Commercial do Rio de Janeiro que traçou e dirigiu uma nota congratulatória ao Sr. presidente do Conselho por este ter acabado com os conflitos iniciados n'esta cidade.

A Associação sabe muito bem que o ministerio que actualmente explora este paiz é uma comunidada como outra qualquer, e como os membros signatários da nota são muito entendidos em commanditas e empresas, sabem que commanditas ou empresas é comércio; a associação julga não dever deixar de louvar a empresa Cotegipe que tão bellamente protege os interesses escravistas.

A associação parabeniza parecer um quinto poder do Estado, aprendeu e poz em prática o sistema governamental: o de mentir e injuriar os outros para melhor louvar o governo, e para melhor adulal-o em seu interesse próprio.

Bem que a quasi totalidade dos signatários da nota a assignasse de cruz, sem saberem nem entenderem o que alli estava escrito, isto mesmo é que dá a medida do criterio de tais comerciantes, a quem estão entregues os destinos da Associação Commercial do Rio de Janeiro!

O acto seria audacioso, maxime pelo facto de serem estrangeiros muitos dos signatários, se não fôra considerar-se que são d'aquelles para quem Christo pediu ao Pae que os perdoasse por não saberem o que faziam.

Querem também fazer política e politica escravista; julgam-se um poder que pode animar e auxiliar o Sr. de Cotegipe no seu furor anti-abolicionista para que se lhes seja grato e por sua vez os auxiliem em alguma causa.

Uma empresa ajuda a outra. E' bem entendido.

Mas pôde custar caro.

Os Srs. negociantes tenham cautela.

Os offendidos às vezes podem esquecer a maxima de Christo.

E quanto aos estrangeiros que endeossam o Sr. de Cotegipe e insultam o povo, ficuem certos que os proprios agentes de tão sabio governo lhes darão os agradecimentos de sua aduliação.

X

O Boato

O leitor está lembrado da sentença com que o Conservatorio Dramatico fulminou a composição theatrical O Boato, revista do anno de 1886 pelos srs. A. Fabregas e Martino Kallat. Chegou-nos agora essa peça nitidamente impressa e brochada, trazendo custo de 18000 reis e contendo o segredo de fazer arrebentar as presilhas das calças, de tanto rir e gargalhar. Excellent antídoto da somnolencia e mysanthropia, aconselhamos-o indistintamente a todos como specimen da falla brasileira, sonora, fluente, cheia de encanto e de bellissimo effeito. Ambos escriptores têm já feito suas armas em diversos estrados e o seu nome basta para afflancar o valor de suas produções.

X

Registro

De que morreu o Dr. F. Quirino dos Santos? Sob este titulo recebemos um livro firmado pelo Dr. Sanches de Lemos, de Campinas, escrito em resposta ao Dr. Clínaco Barbosa. A linguagem moderada e perpassada de boni senso de que usa o autor n'uma matéria que suscitou renhido combate, dá-nos ideia mui favoravel do seu criterio; e mesmo quando não militassem outros fundamentos, os da sciencias e da observação, ficariamos inclinados a dar-lhe razão e a alistar-nos do seu lado.

Agradecemos a remessa.

X

Repressão dos Capoeiras

Para provar quão inutil é essa aglomeração de discursadores, conhecidos pelo nome de deputados, basta ver o modo por que traçaram o assumpto definido pela epigrapha acima. A proposta do Sr. Mac-Dowell estableceu penalidade especial para essa classe sui-generis de sicarios, objecto o Sr. Ratisbona um argumento que importa o indulto.

Perdeu-se mais uma vez a occasião de extinguir-se essa horrenda chaga do nosso organismo social.

Quantas victimas sucumbiram e quantas ainda estarão destinadas a servir de pasto a essa horrida que circula em liberdade, mancomunada com os agentes da polícia e tendo em mira matar por mero gracejo!

A extinção dos capoeiras seria um serviço real prestado à população d'esta capital; por isso mesmo, para não abrir margem a uma exceção, o projecto do sr. Mac-Dowell foi impugnado e infallivelmente cahirá.

E' sempre assim. Quando se trata dos verdadeiros interesses do povo, da segurança individual e da honra de uma sociedade diariamente conspurcada com as scenas mais ignóbeis, não podem os acentos darazão achar eco e vingar no seio dos que pretendem ser os zeladores do nosso direito.

A penalidade até hoje imposta aos desalmados capoeiros não é suficiente para reprimir e obstar a repetição de façanhas que excedem os instintos do mais feroz cannibalismo.

Instrução Pública

Sentimos desvanecimento em podermos brindar o leitor com o artigo que principiamos hoje a publicar com a epigrapha supra.

Annuindo o ilustrado autor, nosso infatigável e dedicado companheiro de trabalho, à supressão do seu nome, não só exime, entretanto, como nenhum outro dos redactores J'A Democracia, de confirmar solemnemente, em público e raso, sob sua garantia individual, os juizes que externar em qualquer matéria de que trate.

A propaganda que fazemos não visa à extalação de nenhuma pessoa. Este modesto orgão é uma idéia, uma doutrina ou pavilhão que se hasteia, e aniquila é dado avocar a si os louros ou o merito do bem e das vantagens decorrentes.

Sabemos que o egoísmo e a vaidade, sob mil disfarces, engendram e insinuam objecções hostis ao nosso modo de proceder. Continuamos, a pesar d'issò, a afirmar que a patria brasileira penetrará os umbrais da grandeza quando o individualismo pedante e ambicioso ceder o passo ao desinteresse e ao verdadeiro patriotismo que, qual donzella pudica e virtuosa, adquire intensidade e brilho em ser ignorado e em exercer-se occultamente.

X

O meeting de 28 de Agosto

Só uma intelligencia privilegiada poderia dar ideia da sublimidade a que atingiu o orador Conselheiro Ruy Barbosa durante a conferencia que celebrou-se na tarde d'esse dia. Habituidos como todos estamos a essa verborrhoda chirla e borbulhante de que encontra-se um specimen correcto nas perengas da camara buxa e nos salões das sociedades carnavalescas, não é possivel oferecer um simile nem traçar a impressão que causavam aqueles periodos vibrantes, cadenciosos, de uma eloquencia peregrina, seductora, irresistivel, comparáveis a golpes de ariete, sob cujo martelar ouvia-se o desmoronar de uma situação, notava-se a atmosphera poeirenta que resultava dos baques destruidores!

A atenção dos ouvintes ficava aturdida, abysmada, colhida de vertigens só em acompanhar a evolução de pensamentos que n'um deslobrar opulento e possante pintavam ao vivo os quadros miserandos de uma política hedionda e inqualificável!

A Gazeta da Tarde começou a dar integralmente essa monumental allocução. Nada temos a acrescentar, senão que desejaríamos que a sua leitura provoque uma embora minguada impressão da que realmente produziu no animo dos que assistiram, que ainda assim será de grandioso effeito.

Só a uma grande causa, justa e abençoada, é dado alcançar triunfos tão estrepitosos e solenes!

X

O Sr. Domingos fôra do serio

Tem estado delicioso o Sr. Domingos!

Faz morrer de riso a comicá gravidade com que o illustre D. Quixote do estrangeirismo, inflamado no sancto amor da patria de seus filhos, arremete contra a verdade e o senso commun! Em nome de seus filhos e para garantir-lhes o futuro, o impagável publicista quer orientar estes brasileiros imbecis, especie de macacos orgulhosos, no caminho do bem e da grandeza.

Trabalha ha dezessete annos para este fin, illuminando durante todo este tempo os mais escusos recantos da imprensa nacional! E ninguem tinha dado por isso até agora!

Só o consideravam esmerado cultordos galinaceos!

Terra de ignorantes e de ingratos! Felizmente elle, Domingos, tem coração largo, generoso e animo forte, decidido; ha de fazer o bem, queiram ou não queiram!

Agora mesmo, está elle empenhado em empreza agigantada: esmagá a formidolosa cabeça da hydra e é bello de ver-se o nobre ardor com que elle, sempre em nome de seus filhos, desfera golpes sobre golpes!

Pobre hydra! D'esta vez, estás morta e enterrada!

E os filhos d'este grande reformador, causa e origem da nossa futura grandeza, não de ficar celebrados nos annaes da patria e tempo virá em que os posteriores, gratos e reconhecidos erguerão monumentos à sua gloriosa memoria!

Hão de ser mais celebres até do que os proprios filhos de Zebedeu! Oh, se serão!

Os monarchistas o que deviam fazer era assentir este grande homem no trono, principalmente agora que o rei está fôra e que a verba secreta esgotou-se...

F. Salgado

Com a maior satisfação rectificamos uma parte da noticia que sob o título *Estrela de Minas*, publicamos no nosso numero de 21 de Agosto.

O nosso correligionario F. Salgado não chegou a aceitar a redacção da *Estrela de Minas*, e, ao contrario, combate em Cataguases no sympathetico periodico *O Povo* a lado de Esteval do Oliveira, um dos mais fervorosos scctarios da ideia republicana n'aquelle cidade.

A Evolução

Recebemos os dois primeiros numeros d'este periodico, que de ende na capital da província de S Catharina as idéas republicanas.

Felizmente que a ideia avança em todos os pontos do imperio. Cumprimentamos o sympathetico irmão de armas.

Que Tempos!

A escravidão está a morrer, é verdade, mas ainda dá muito que fazer a meio mundo. Não ha dia em que não se leia, nos jornais, protestos sobre a marcha do abolicionismo, que é a ruina da lavoura, das algibeiras de muita gente e uma immoraliade que convém fazer desaparecer quanto antes, para socego e paz do povo brasileiro, que não pôde passar sem negro e sem café.

E n'este labutiar para a conservação do escravismo vêm-se coussas bem bonitas: um chefe de estado que quer e não quer a coussa; ministros tambem timoratos e um excelsa presidente de conselho que entende que está feito tudo quanto havia por fazer-se a tal respeito; deputados e senadores empurrados, e um *Jornal do Comercio* que aposta de pugnar pelo bom cumprimento das leis sobre liberdade, publica annuncios para a captura de escravos fugidos.

Na vila longe o tempo em que viam-se, nas folhas d'esta capital, figuras de negrinhos de trouxas as costas com grandes algarismos por cima e umas linhas impressas por baixo do emblema. Não tinha que ver — era annuncio de escravo fugido tentando pela gratificação.

Hoje, por mal de nossos peccados desapareceu o chamariz.

Nessa época, porém, estava tudo aperfeiçoado: havia pêle-mêles, os capitães do matto e muito pé rapido que vivia de agarrar qui-lombos.

Hoje, este serviço é tão mal feito como os annuncios e não tenta a muitas ambicções adormecidas que ha por ahi; apezar do sr. C. Bastos ter procurado dar um certo vigor à coussa, por meio dos asseclas

Remessa importante

Sob o título *O ensino tecnico no Brasil*, foi nos enviado um livro de cerca de 250 páginas. Pode-se imaginar quanto nos penhorou essa oferta, ao tratar-se de um assumpto ao qual consagramos o maximo interesse, tendo já de nossa parte começado a espedir algumas considerações em publicações anteriores.

O autor do livro a que nos referimos é o sr. Tarquinio do Souza Filho e, pelo rapido relance de olhos que fizemos através de alguns capítulos, pudemos convencer-nos que possue esse estylo vigoroso, conhecimento e erudição não vulgar sobre o thema que desenvolve, mostrando-se sobretudo emancipado do espírito chauvinista ou servil com que muitos pretendem captar sympatia e protecção.

Os tres primeiros capítulos do livro — *O problema do ensino em nosso seculo — O ensino publico no Brasil — Reforma do ensino secundario*, encerram uma exposição magistral e altamente instructiva. O autor eleva-se com admirável proficiencia ás maia philosophicas concepções da sociedade, escudando-so ora na opinião de eminentes publicistas, aceitos por todas as parcialidades, ora firmando-se em argumentos de si convincentes e axiomáticos.

Recommendando este novo livro á attenção do leitor, cremos proporcionar-lhe um verdadeiro manancial de luzes e prazeres.

A Sociedade Central de Immigração, sob cujos auspícios foi editado, prestou um serviço relevantissimo ao paiz e fez jus ao aplauso de todo homem amante do cultivo intellectual.

X

As nossas sympathias

Tem havido n'estes dias um *fervet opus* de jornaes novos a sahir e de velhos a... levar a breca.

Para o commun dos individuos, este facto traduz especulações mais ou menos ociosas e toleraveis.

Nós, porém, que somos do officio e que não trepidamos em manifestar o que realmente sentimos, não podemos occultar o pesar que nos causa o desaparecimento da *Gazeta da Tarde*, pois a tanto equivale a retirada do seu illustre redactor.

Que os «Diarios» et cetera degringolem ou se refundam e sarapintem com todos os matizes imaginaveis, pouco se nos dá; nem realmente devia com isso importar-se todo o homem conhecedor das cousas e bem pensante.

Mas a *Gazeta da Tarde* ainda deixará por longo tempo a saudade implantada no coração, saudade que, confessemos, ainda constitue a unica seiva de vida para os que pretendem calcar a trilha que ella havia desbravado.

O que nos consola é que o veremos em breve retomar o seu posto na vanguarda da imprensa livre e independente.

PENSAMENTOS DESTACADOS

O governo mais cynico e criminoso, dizia um realista, é a republica; seu proprio nome vale um libello—*ré-publica*. Distinguimos, acôde, um republicano: em um publico de bandidos a donzella mais pura é *ré-publica*, porque a honra d'essa gente é opposta á verdadeira honra. O governo mais cynico e criminoso para o povo que o adopta é — a realeza; tão cynica que seu proprio nome está dizendo à nação que é *ré* e que a *leza* (realeza).

A conhecida maxima — quem a grande arvore se chega sua sombra o cobre — é falsa e deve ser substituida por est'outra: quem a grande arvore se chega sua sombra o encobre.

As verdades do catholicismo são como as estrelas do céo: estas só brilham durante as trevas da noite; aquellas durante as trevas da ignorancia. O sol e a intelligencia esclarecida fazem desmaiar ambas.

Não sei onde apanhei este pensamento; só é minha a applicação.

Se é verdadeira a teoria de Figuier, que reduz a alma humana a *raio de sol*, sustentando entusiastas d'aquelle autor ser a alma da mulher um *raio da lua*; segue-se logicamente a loucura d'aqueles, que adoram a mulher como um ídolo. São verdadeiros Narcisos enamorados da propria imagem, visto não passar o ídolo de corpo opaco, brilhando com nova luz.

Entretanto, consegue ás vezes o sexo inferior absorver-nos a maior parte dos raios, transformando a lua em sol, o crepusculo em aurora, e vice-versa. Para evitar esta derrota do astro-rei, a terra interpõe-se ás vezes entre a lua e o sol, mostrando aos homens que a mulher separada de nós não passa de *corpo opaco*, como a lua que é separada do sol.

E naturalmente por esta razão que as mulheres se tornam mais sedutoras nas proximidades da *phase lunar*.

Curioso! Pois não descobriram os modernos physiologistas que cada homem, seis mezes depois do seu nascimento, é bisneto de si proprio? Certamente, pois as cellulas reproduzem-se por uma verdadeira geração, morrendo as mães: de dois em dois mezes todas as cellulas que constituem o individuo estão mortas e numero igual, ou superior, durante o crescimento, forma um novo ente. O individuo que chegar a oitenta annos será o ultimo de um batalhão de 380 homens oriundos do primeiro quando completou dois mezes. Pôde-se com estes dados afirmar que os homens são todos hermafroditas e tão secundos que se reproduzem de dois em dois mezes. Não podem, porém, ter partos duplos; os gameos ficam excluidos d'esta geração.

Entretanto a terra se despovoaria sem a união dos sexos separados, ficando cada individuo bi-mensual orphão de pai e mãe quando se completa e vem á luz.

Curiosíssimo!

NIOTTO (Lyeo)

SECÇÃO LITTERARIA

MARIA
III
J. S.

Es o meu universo, o meu bello tesouro,
Que tem do firmamento os seus milhões de soes;
Estende sobre mim as tuas asas d'ouro,
Colora meu ideal de vivos arreboes.

Somente em ti consiste e em teu amor se encerra
Esse ideal de gloria, essa ambicão suprema;
Só pelo teu amor, querida, poile a terra
Tornar-se em paraíso e em mystico poema.
Em torno de ti, qual volval mariposa
A voillar freneticamente à luz fascinadora,
Meu 'spírito rivo alegre, adja e pousa
E queima-se em teu seio em chama abrasadora.

A FORÇA DO DESTINO

XIII

DALILA E SANSÃO

Não era já um simples desejo, um impulso deboa vontade, de agradecimento ou arrependimento tardio, o que levava Julianha a insistir e perseverar no seu propósito de atrahir a si o tenente Lins; tudo isso degenerara n'um capricho. Para satisfaçel-o, inspirado no despeito que a esquivança do tenente lhe causava, estava deliberada a ir ao extremo, esgotar todos os meios e cançar-se. Ela estava animada, porque ouvia internamente uma secreta e lisongeira voz dizer-lhe: has de vencer.

O tenente agradeceu-lhe muito; mas, sem effusão, antes contrariado, o quanto se interessava por ella; o grande obsequio que lhe fez de mandal-o vir para sua casa e ahi tratá-lo

de uma molestia tão perigosa, e declarou-lhe que lhe havia de pagar as despesas de medico e do tratamento.

— E o que faltava agora, compadre; disse-lhe ella com meiguice, deixe-se d'isso; muito mais lhe devo eu.

— A mim? nada, absolutamente nada.

— Pois eu lhe digo a mesma cousa. Nada tem que pagar, absoluto tamente nada.

Não foi sem grande luta intima que o tenente se resolveu a aceitar o emprego que lhe fôra dado na casa de Mauá! Certo de que só o obtinha por intermedio de Juliana, travou-se em seu espírito um combate de objecções pró e contra em que a necessidade derrotou a dignidade, disparando contra ella o seu ultimo tiro que foi este:

— Se recusas o emprego, que ha de dizer o negociante em cuja casa estás hospedado hânto tempo? Dirá que és um malandro de força, que quer comer, beber e dormir sem trabalhar, e tão avesado á preguiça que regeita o lugar n'uma casa de primeira ordem, com um bom ordenado. Não podias explicar-lhe os motivos de tua recusa e se explicasses, não acreditaria em taes susceptibilidades.

Havia de inventar outro motivo, com certeza menos crivel do que esses? Quem te arranjaria outro emprego e quando? Vai: toma conta de teu lugar; se o não fizeres, alem do mais, arriscas-te a ficar mal visto do homem que te hospeda; tornar-te-has um importuno, e elle procurará qualquer pretexto para te despedir.

Grande tiro!

— Ah! necessidade, necessidade!

E o tenente foi tomar posse do emprego. Juliana exultou. Para ella estava feita a primeira brecha n'aquella muralha.

Procurou auxiliar com dinheiro ao seu antigo protector; allegando ser seu parente, conseguiu que a deixasse conduzil-o enfermo, no delírio da febre para sua casa; e ahi tratou-o com todo o desvelo; mas tudo isso, que fôra independente da vontade d'elle, podia ser de resultados negativos. Não assim o facto de aceitar voluntariamente e exercer bom emprego que ella lhe obtivera e que punha termo á situação difícil e penosa em que elle se via.

Decorreu, porém um mez sem que ella visse o tenente apperecer-lhe, nem dar de si em causa alguma. No fim de oito dias mais, recebeu ella una carta; era d'elle.

« Exm^a. Sr^a. O tenente Lins pede licença para enviar a V. Exa. a quantia de 250\$ que aqui inclusa encontrará, e roga a V. Exa. que faça o obsequio de pagar ao medico que a chamado de V. Exa. o tratou em sua enfermidade.

Muito se confessa grato por este e pelos demais favores que V. Exa. espontaneamente se dignou dispensar-lhe.

O Tenente Lins. »

Lendo esta carta, Julianha sentia um fogacho, subindo-lhe pelo rosto, incendiar-lhe as faces e obscurecer-lhe a vista.

Depois, uma corrente glacial percorreu-lhe todo o corpo e obrigou-a a sentar-se meio desfalecida e pallida.

Os labios tornaram-se cor de cal. Pouco a pouco reanimou-se e voltaram-lhe as cores naturaes; tornou a ler a carta e conservou-se muito tempo na mesma posição, a reflectir.

Comprehendeu que n'aquellos 250\$, que eram todo o ordenado do primeiro mez de emprego de Lins, inclua elle o dinheiro que ella anteriormente lhe mandara em nome de um amigo anonymo, e tambem o pagamento de todo o trabalho que tivera em tratá-lo quando doente.

De subito levantou-se, como que arrobatada por uma nova idéa, atirou com a carta e seu conteudo sobre o toucador de seu gabinete e foi vestir-se para sahir.

Meia hora depois tomava um carro que a esperava á porta e partiu para a cidade velha.

(Continua)

ANNUNCIOS**BIBLIOTHECA THEATRAL**

83—Nua Sete de Setembro—N3

RIO DE JANEIRO

DRAMAS, OPERAS COMICAS E OUTRAS PEÇAS DE GRANDE ESPECTACULO.

Peças de Arthur Azevedo

| | |
|----------------------------------------------------|-------|
| Falka, opera burlesca..... | 18000 |
| A princesa dos Cajueiros..... | 18000 |
| Abel, Helena..... | 18000 |
| A filha de Maria Angu..... | 18000 |
| A casadinha de fresco..... | 18000 |
| Jerusalém libertada..... | 18000 |
| Niniche..... | 18000 |
| A joia..... | 18000 |
| Gillette de Narbonne, opera-comica em 3 actos..... | 18000 |
| A flor de Liz..... | 18000 |
| Por um tris coronel, proverbio em 1 acto..... | 5500 |
| Amor por annexins..... | 5500 |
| Uma vespera de Reis..... | 5500 |

Eduardo Garrido

| | |
|-----------------------------------------------|-------|
| Bocacio..... | 18000 |
| Viagem á lua..... | 18000 |
| O jovem Telemaco..... | 18000 |
| A Mascote..... | 18000 |
| Os sinos de Corneville..... | 18000 |
| Sonhos d'oro, peça fantastica em 3 actos..... | 18000 |
| Os Trinta Botões..... | 5500 |
| Por um tris..... | 5500 |
| Quasi que se pegam..... | 5500 |
| Um alho..... | 5500 |
| O meu amigo banana..... | 5500 |
| A bengala..... | 5500 |

| | |
|----------------------------------------------------------------------|-------|
| Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. Pires Ferrão..... | 18000 |
| As duas orphãs, celebre e importante drama em 5 actos..... | 18000 |
| Aimée ou o assassino por amor, bello drama..... | 18000 |
| A Judia, notavel drama de Pinheiro Chagas..... | 18000 |
| A morgadinho de Val-flôr, pelo mesmo.... | 18000 |
| Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antônio Ennes..... | 18000 |
| A Estata de carne, traducção do Dr. Pires d'Almeida..... | 18000 |
| Dalila, celebre drama de Octavio Feuillet..... | 18000 |
| Romance de um moço pobre, pelo mesmo..... | 18000 |
| Amor e infamia, notável drama..... | 18000 |
| Gonzaga, ou a revolução de Minas, celebre drama de Castro Alves..... | 18000 |
| Eurico, magistral drama extrahido do romance do mesmo nome..... | 18000 |
| Fausto, drama phantastico de Gullires da Silva..... | 18000 |
| Os Positivistas, drama onde não entra drama..... | 18000 |
| O negro, drama importante..... | 18000 |
| Jerusalém libertada..... | 18000 |
| Por um tris coronel, proverbio em 3 actos..... | 5500 |
| Amor por annexins..... | 5500 |
| Uma vespera de Reis..... | 5500 |

Outras peças de theatre

| | |
|------------------------------------------|-----|
| A cremação..... | 200 |
| A-mulher e a comida..... | 200 |
| A R ver os sinos de Corneville..... | 200 |
| VOemorso..... | 200 |
| Fui ver a Maria Angu..... | 200 |
| Vlagem a volta do mundo a pé..... | 200 |
| Cousas do arco da velha..... | 200 |
| Consciencia e remorso..... | 200 |
| O maldicto..... | 200 |
| Suicida por amor..... | 200 |
| Canto do saltador..... | 200 |
| Fui ver a Mascote..... | 200 |
| Occurências diversas..... | 200 |
| A justica divina..... | 200 |
| O plebeísmo..... | 200 |
| Um pedante em calças pardas..... | 200 |
| José povinho ou o imposto do vintem..... | |